



**Milena Cristine dos Santos**

**A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS LIVROS  
INFANTIS *MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA E MEU  
CRESPO É DE RAINHA***

**LAVRAS-MG**

**2023**

**Milena Cristine dos Santos**

**A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS LIVROS INFANTIS *MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA E MEU CRESPO É DE RAINHA***

Artigo Científico apresentado à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de Licenciatura.

Profa. Dra. Luciana Soares da Silva

**LAVRAS-MG**

**2023**

Milena Cristine dos Santos

**A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NOS LIVROS INFANTIS *MENINA  
BONITA DO LAÇO DE FITA E MEU CRESPO É DE RAINHA***

Artigo Científico apresentado à  
Universidade Federal de Lavras, como parte  
das exigências do Curso de Pedagogia, para  
a obtenção do título de Licenciatura.

APROVADA em 24 de julho de 2023.

Profa. Dra. Josiane Marques da Costa  
Profa. Jessiara Ribeiro Gonçalves

Profa. Dra. Luciana Soares da Silva

**ORIENTADORA**

**LAVRAS-MG**

**2023**

*A Deus, por ter me iluminado e guiado.*

*A mim, pelo meu amor a profissão e ao ato de ensinar e acima de tudo à minha  
determinação*

*Dedico.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, independente de religião ou crença. Deus é amor e esteve ao meu lado em todos os momentos.

Agradeço a toda minha família que esteve comigo nessa jornada apesar de todas as dificuldades.

Agradeço a todo o corpo docente que contribuiu para minha formação.

A todos vocês meu muito obrigado!

## RESUMO

Abordar a questão da representatividade na literatura nunca foi tarefa fácil, no entanto, ao analisar a história da representatividade negra na literatura, a temática está presente, principalmente em obras brasileiras. Tratando-se de um país com passado escravagista, o Brasil possui grandes representantes da literatura infantil, a exemplo Monteiro Lobato, Ana Maria Machado e Ziraldo. Nas obras lobatianas, visto que seu contexto de produção data da primeira metade do século XX, os povos africanos são retratados como um escravo ou ex-escravo que vive ainda na fazenda, como forma de gratidão aos seus senhores, cuidando dos afazeres domésticos e das crianças. No entanto, no século XXI, a representatividade de personagens negros, principalmente personagens femininas, passa a figurar como uma pessoa sábia e que valoriza sua beleza negra. Nesse contexto, a presente pesquisa analisou como a representatividade negra, e retratadas em livros de literatura infantil. Para isso, foram analisados 2 livros, selecionados a partir de sua temática, sendo eles a *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986) e *O Meu crespo e de rainha* (1999). A análise dos livros foi feita quanto à representação das personagens negros, no que tange ao tratamento dispensado às mesmas e como são tratadas nos livros selecionados. Os resultados demonstraram que, apesar do contexto de luta ainda ter muito chão a percorrer, a valorização das personagens negras passa a ser evidenciada em livros infantis.

**Palavras-chave:** Representatividade Negra, Criança, Literatura Infantil.

## **Introdução**

A pluralidade cultural torna-se um tema de extrema relevância para formação de professores aptos a lidarem com os mais diversos contextos existentes em sala de aula, pois possibilita ao educador colocar o aluno em situações em que ele possivelmente vive em seu cotidiano exterior ao ambiente escolar. Sendo assim, o aluno poderá (re)significar sua visão sobre conteúdos, situações e até mesmo adversidades que podem ocorrer em sua trajetória de vida, como as discussões acerca das questões étnico-raciais.

Em seus estudos, Rosemberg (1979) analisa que a representação do negro, nas obras infantis dos anos 30 era de personagens marginalizados, fracos, burros, ignorantes, de pouca (ou nenhuma) instrução, envoltos no contexto pós-abolicionista. Posteriormente, ao final do século XX, os personagens não tinham mais termos pejorativos ligados a eles, visto que obras com este teor eram reprovadas pela crítica, nacional. Nesse contexto, vários autores, como Ziraldo (2002) e Ana Maria Machado (2004) cogitaram a hipótese de retirar livros de Monteiro Lobato das escolas brasileiras, pois os personagens negros retratados em suas obras eram marginalizados, comparados a objetos e inferiores a animais.

A literatura contemporânea, que aborda personagens negros, principalmente meninas e mulheres, utiliza contextos de luta, de conscientização da própria identidade, retomando aspectos da cultura africana. Nesse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a representatividade negra e como elas são retratadas em livros de literatura infantil. Para isso, foram analisados 2 livros, selecionados a partir de sua temática, tendo como objetivos destacar como a cultura negra é significada nos livros e como a criança negra é retratada, pois a reflexão sobre tais questões possibilita que uma educação respeitosa e inclusiva esteja presente em sala de aula.

## **2. Educação e o trabalho com os conceitos étnico-raciais em sala de aula**

### **2.1 Raça e Racismo**

A presente seção do trabalho busca elucidar as relações que se dão, com vistas de pesquisadores, para que uma discussão teórico-metodológica possa ser criada, buscando atingir a problemática em níveis educacionais. Nesse viés, Silvio Almeida (2018, p.19) pontua que o conceito de raça, antes construído para classificar espécies de plantas e animais, remonta, desde o século XVI “a história da constituição política econômica da sociedade contemporânea”. Nesse sentido, iremos refletir sobre o termo raça e sobre sua grande influência no mundo até hoje, pois as relações de poder só ficaram mais fáceis de acontecer a partir das racializações. Vale ressaltar que esse termo é flexível e há diversos fatores histórico-culturais que irão influenciar nas leituras acerca da raça nos diversos lugares do mundo.

Almeida (2018) retoma, então, a fase do iluminismo, no século XVIII, que vão ser tempos de início do pensamento crítico e até mesmo de uma revolução para a época, onde existia um projeto de “civilização”, que pregava a liberdade e igualdade. Porém, esse ideal foi refutado após a revolução do Haiti, já que os povos haitianos eram escravizados pelos franceses, e queriam que fossem então validadas, as ordens de liberdade e igualdade que estavam sendo propostas pela Revolução Francesa.

A partir disso, ficou-se claro que a intenção real do projeto liberal não era de fato, dar reconhecimentos igualitários a todos os povos. De acordo com Almeida (2018, p. 22), “Os mesmos franceses que aplaudiam a Revolução Francesa, viram a revolução haitiana com desconfiança e medo, e impuseram todo a sorte de empecilhos para a ilha caribenha, que até os dias de hoje paga o preço pela liberdade que ousou reivindicar.” Assim, nota-se que há um preconceito real e existente até os dias atuais entre os povos e suas raças, por isso faz-se necessário compreender o que é o conceito de raça e as discussões que permeiam esse vocábulo.

O conceito de raça nos perpassa, nos dias de hoje, em diversos níveis e nos mais variados momentos da nossa vida, pois trata-se de um conceito complexo, cuja definição gera muitas dúvidas e discussões. Viana (2009, p. 11) afirma:

O conceito de raça nos apresenta uma dificuldade enorme. Esta dificuldade tem sua origem no fato de que raça remete às diferenças físicas no interior da espécie humana. O problema é que tais diferenças são superficiais (relativas à aparência) e que o processo histórico provocou um encontro de raças e, conseqüentemente, uma intensa miscigenação.

Sendo assim, vivendo em uma sociedade capitalista e com grandes resquícios processo de colonização escravocrata no qual estamos inseridos, a reflexão se faz

primordial para entendermos um pouco das vivências e até mesmo das violências enfrentadas no âmbito escolar.

O racismo, então, vai se manifestar justamente por causa dessa distinção feita de raças, sendo que as raças dominadas irão sofrer os impactos causados pelas raças dominantes. No caso do Brasil, a prática eurocêntrica se faz muito presente quando considera-se essa prática como o modo superior que a cultura europeia vê as demais culturas existentes, como os povos colonizados, os negros, pardos e indígenas do país. Sendo assim, todo e qualquer tipo de raça que se distancia do padrão europeu, sofrerá com racismos, preconceitos e discriminações.

O racismo estrutural tem razões históricas, e é interessante pensar nas relações de poder e dominação, que perpassam essas relações raciais há tempos, é válido ressaltar que existe uma grande diferença entre racismo, preconceito e discriminação. Silvio Almeida (2018) destaca como é importante entender essas distinções, em sua leitura, ele defende que, embora exista relação entre esses conceitos, eles ainda se diferem. Nesse sentido, o racismo é uma forma sistêmica e até mesmo organizacional de exclusão, que leva em conta a raça. Essas exclusões podem ocorrer em maior ou menor grau, consciente ou inconscientemente, que vão propiciar, a partir da raça em que se inserem privilégios ou desvantagens.

Já o preconceito racial, assim como todos os preconceitos, parte de um conceito antecipado das pessoas, baseando-se apenas nas características físicas, vestimentas, crenças, entre outras. O preconceito racial então acontece quando ocorre o pré-julgamento de certo grupo de pessoas, justamente por conta da sua raça. Os estereótipos intrincados na sociedade só auxiliam nesse processo de exclusão. Considerar que negros são violentos ou inferiores, por exemplo, só exemplifica as relações existentes.

Por fim, temos a discriminação, que é o tratamento diferenciado de pessoas de acordo com a raça. Esse tratamento vai ser um dos pontos essenciais para que a manifestação de poder se estabeleça, e para que essas relações de dominação de uma raça para com a outra seja cada vez mais fortalecidas, é por meio desses mecanismos, que algumas raças prevalecem em cima de outras. Existem, segundo o autor, discriminações diretas ou indiretas, a discriminação direta diz respeito ao trato e exclusão de pessoas exclusivamente por pertencerem a algum grupo minoritário, enquanto a discriminação indireta vai se referir ao não levantamento de questões de grupos minoritários, sem levar em conta a história ou cultura local, tentando criar uma falsa equidade entre todos. Os dois fatores vão contribuir veementemente para a estratificação social, que, em outras

palavras, é o ato de comprometer o estilo de vida de algumas raças, colocando-as em posições marginalizadas em relação a outras.

Michaliszyn (2014) pontua que, existem diversos fenômenos que podem influenciar nessas relações. A aculturação, que é a assimilação de culturas, pode reforçar a inferiorização das diversas minorias. No Brasil, existe uma grande diferença regional e cultural, onde a pluralidade cultural se faz muito presente. Nesse sentido, algumas imposições são colocadas na sociedade. Segundo o autor, o ser humano tem a tendência de colonizar o outro, colocando sempre sua cultura e seus costumes acima de outras. No caso em questão, o país foi historicamente colonizado e, por isso, adquire padrões europeus enquanto correto.

Assim, qualquer tipo de cultura e raça que foge desse padrão vai ser marginalizada, em maior ou menor grau. O autor postula que a comunicação e a linguagem podem ser estratégias de reprodução desses conceitos e, sendo assim, nós, enquanto colonizados, tivemos de adquirir a língua dos colonizados, o que foi um processo doloroso e brutal com os indígenas que viviam no país. Esse é um exemplo de dominação que os povos sofreram, e que perpassa durante os anos, e até hoje ainda é refletido na sociedade, sendo motivo de luta de muitos desses povos por direitos básicos, que lhes são roubados diariamente. Considerando todas essas ocorrências, as reflexões sobre o ambiente escolar e as relações raciais vigentes se fazem de suma importância.

## **2.2 Educação e as relações raciais**

Refletindo sobre os espaços onde pessoas negras sofrem mais racismo, preconceito e discriminações de uma maneira geral, a escola toma uma posição de relevância. O local é, por vezes, palco para diversos tipos de violência, e a análise sobre se faz cada vez mais relevante e necessária.

Nesse sentido, práticas político-pedagógicas são implementadas, afim de minimizar toda a carga histórica negativa do racismo estrutural no país. Essas práticas são de extrema importância, principalmente se considerarmos o grande déficit de inclusão de pessoas negras em espaços de estudos, o grande índice de evasão dessas pessoas do ambiente escolar, que incluem diversos fatores que são, em sua maior parte, provindos do racismo e da desigualdade social.

Abramowics e Gomes (2017) coordenaram uma pesquisa sobre essas práticas pedagógicas, e obtiveram resultados interessantes. Foi possível constatar a existência de

programas de inclusão de pessoas negras no ambiente acadêmico, com bolsas para graduação, mestrado e doutorado (promovidas pela Fundação Ford), enquanto políticas de afirmação trazem resultados positivos.

Em contrapartida, foram relatados altos índices de defasagem ao se tratar de crianças negras na escola. Foi percebido também, uma dificuldade de inclusão e de representação dessas pessoas por meio de livros didáticos e práticas pedagógicas. Esse sentimento de não pertencimento pode acarretar uma série de problemas na vida dessas crianças, e principalmente, leva-las a evasão. Constatando esse fato, as autoras procuram versar sobre estudos que valorizem a cultura negra, afim de, cada vez mais diminuir essas relações de poder existentes no meio. Assim, também retratam sobre a importância de estudos afro-brasileiros enquanto estratégia de visibilidade e aceitação, buscando sempre inserir o aluno como protagonista principal de atividades, jogos e/ou brincadeiras em sala de aula e também fora dela.

A lei 10.639, que posteriormente passa a ser a Lei 11645, foi uma conquista histórica para a educação brasileira. A lei vem para inicialmente, implantar a obrigatoriedade a nível municipal, federal e estadual, o ensino de história afro-brasileira. Essa obrigatoriedade é resultado de luta da comunidade negra, considerando que a história estudada, muitas vezes é lida por um posicionamento eurocêntrico. Nesse sentido, a mudança de leis, mais tarde, veio para implementar também a inclusão do ensino de história e cultura indígena, já que são a cultura do nosso povo.

O movimento negro tem reivindicado fortemente a mudança dos currículos escolares, bem como a luta pelo acesso e a permanência no âmbito escolar, para que atendam suas necessidades. A lei que implementa a obrigatoriedade dos trabalhos voltados a cor e raça foi um marco e uma conquista desse movimento, mas ainda há muito o que se discutir em relação a educação racial no país. Portanto, a socialização racial precisa estar em pauta no processo educacional.

O Brasil tem, devido a sua grande miscigenação, adotado posturas de igualitarismo, e se representa no mundo como tal, mas os grupos identitários, principalmente os coletivos negros e indígenas, não sentem esse pertencimento no todo, e tem suas especificidades culturais, sociais, etc. que os levam a quererem ser reconhecidos de maneira distinta, e valorizados da maneira que realmente são. O processo de democratização do país marcou bem essa realidade, e assim, começam a surgir movimentos negros, em organização, para reivindicar direitos e fazerem ouvir suas vozes. É onde se iniciam questionamentos, por meio de trabalhos acadêmicos, por exemplo.

De acordo com dados fornecidos por Abramowicz e Gomes (2017), a discriminação por cor/raça acontece em grande escala, tanto na escola quando no mercado de trabalho, e tabelas com resultados quantitativos comprovam essa premissa. Os alunos negros tendem, devido a diversos fatores (principalmente o econômico), ficar apenas no ensino fundamental e médio e a evasão desses alunos do ambiente escolar também se faz muito presente na realidade atual. E, considerando que a educação é um fator relevante no mercado de trabalho, ela pode ajudar os que a tem e, ao mesmo tempo, dificultar o acesso a empregos aos que não a tem, o que só continua acentuando as diferenças de classes.

### **2.3 Estudos Afro-brasileiros: Perspectivas Pedagógicas e Estéticas de raça, processos na educação.**

Como mencionado na seção anterior, a implementação de estudos que visem valorizar histórias, culturas e raças contribuem para minimizar os preconceitos existentes. Nesse viés, o segundo capítulo, intitulado “Estudos Afro-brasileiros: Africanidades e Cidadania”, de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, vêm para pontuar a importância da existência de estudos afro-brasileiros, bem como o respaldo legal para que essas práticas possam acontecer no cotidiano. Projetos de leis e políticas públicas são crias a fim de minimizar as diferenças de cor e raça que são historicamente intrincadas no país. Um recurso que deve ser utilizado, principalmente para a disseminação de informação, é o campo educacional. A autora cita que Martin Luther King frisava sobre a educação ligada a legislação no combate às desigualdades.

Considerando a educação como peça fundamental para os estudos afro-brasileiros, vale ressaltar que o intuito principal não é abandonar os métodos de estudos já vigentes, e sim implementar esses métodos com fatos históricos e socioculturais sobre a comunidade negra do país. Nesse sentido, a autora fala sobre o enegrecimento da educação, onde se tomaria por base a história contada pelos negros, e não pelos colonizadores, como vêm acontecendo por séculos. Da perspectiva do colonizador, há um apagamento muito grande da história negra, como se ela começasse a partir da colonização, como se os brancos tivessem sido os salvadores dos outros povos, o que acaba por não dar oportunidade de pertencimento de identidade para a comunidade negra, que acaba por ter que absorver esse ponto de vista europeu. E isso acabar por minimizar

a população negra, e até mesmo acentuar as diferenças de cor e raça que são tão presentes no país.

Por isso, a autora frisa a importância de todas as pessoas conhecerem a história através da diáspora, da ancestralidade, visando valorizar os fatores culturais e a história da África. Enquanto povo negro, para entender seu pertencimento no mundo e enquanto povo não negro ampliar visões de mundo, conseguir enxergar de diversas maneiras e saber respeitar as diversas culturas e diferenças presentes. Por isso, e para tentar construir uma sociedade mais justa e democrática, se faz tão importante o estudo da história afro-brasileira e Africana. Nesse sentido, ela traz algumas considerações acerca da educação, do conhecimento de mundo e vivências, bem como da Africanidade e o que ela representa. Portanto, conclui que se faz indispensável estudos que versam sobre a temática, a fim de inseri-los na sociedade e dar cada vez mais visibilidade para essas questões, com o intuito de formar cidadãos investigadores e conscientes.

Nesse viés, os pesquisadores também entendem a inevitabilidade de se versar sobre os estudos etnográficos, a fim de entender um pouco mais sobre as diversidades e conseguir implementá-las nos processos educacionais. A partir das percepções de Gomes et al (2010), realizou-se um estudo etnográfico em escolas públicas, a fim de reconhecer diversidades étnico-raciais e trajetórias docentes

A partir do decreto da lei que torna obrigatório o estudo de História da África e das culturas afro-brasileiras, em 2003, em resposta a demanda do Movimento Negro, a escola teve de (re)pensar estratégias e tornar-se então, um desafio para os educadores. A partir disso, se insere a pesquisa “Formando professores da educação básica para a diversidade”, que contou com a participação de professores de escolas públicas da cidade de Belo Horizonte, que logo depois se desdobrou, com a ajuda da UFMG. Um projeto de extensão intitulado “Identidades e Corporeidades Negras” se transformou um curso de “Aperfeiçoamento em história da África e Culturas Afro-brasileiras” e contemplou muitos professores, bem como gestores e pedagogos, de toda a região metropolitana.

Para a realização do projeto, inicialmente foram observados docentes presentes nesses espaços de formação, para assim selecionar alguns, os mais receptivos as discussões sobre a temática, para a participação. Os professores foram entrevistados e perguntados sobre como ele vê a questão racial no Brasil, os relatos também poderiam ser de vivências e experiências de vida desses professores, já que seriam divulgados de maneira anônima. O fato de trabalhar com histórias de vida se deram pela necessidade de

tentar compreender como os professores enxergam como se dão essas nuances no cotidiano.

Os entrevistados foram perguntados sobre a formação continuada, e muitos deles disseram que ela auxilia no processo, assim como puderam aprender coisas novas sobre a educação étnico-racial, já que muitos não tiveram contato com o tema durante o curso de formação. Os professores relatam que essas práticas, assim como a realização de seminários e eventos, são espaços de formação e aprendizado, e devem ser mais valorizados.

As escolas investigadas no projeto apresentam resultados diferentes acerca do trabalho com as temáticas raciais. Algumas abordam mais outras menos, mas em nenhuma escola foi encontrado um grupo de professores totalmente articulado ou com apoio de toda a comunidade escolar, o que foi visto é que ocorriam ações mais isoladas, mais pontuais e individuais, sendo que em alguns casos nem o debate com a gestão e com os outros professores acontecia. Entretanto, essas ações realizadas são de grande valia, e demonstra que o processo de formação continuada apresenta resultados, mesmo que individuais, para que cada vez mais essas abordagens aconteçam nas escolas.

Os professores entrevistados relataram suas vivências, da infância a fase adulta, e a maioria relatou não ter conhecimento de estudos raciais, inclusive durante os cursos de graduação. Muitas relataram ainda, situações vivenciadas de preconceito racial em diversas áreas da vida. A falta de professores negros durante a trajetória escolar também foi muito percebida.

Portanto, a pesquisa trouxe alguns resultados positivos de ações pontuais de alguns professores, mas percebeu que há ainda uma dificuldade muito grande da implementação e da obrigatoriedade dos currículos raciais aparecerem no âmbito escolar, por diversos fatores. Assim como cabe a escola e toda a comunidade presente, também cabe aos governantes e ao Ministério da Educação, fazer a lei se tornar efetivamente vigente, por meio de conscientização e dando o suporte necessário para que possa acontecer. As autoras então, concluem que o desafio é criar uma “pedagogia da diversidade”, que possa atender as diferentes pessoas, considerando a questão étnico-racial como seu pilar, para que assim, possa atender e abranger as técnicas escolares aos mais diferentes tipos de pessoas do país.

Nesse sentido, faz-se essencial uma educação voltada para aspectos sociais, culturais, raciais, entre outros, com o intuito de atingir uma maior quantidade de alunos, bem como entender como esses processos funcionam, a partir de estudos e também de

aplicação. A atuação no ensino básico é de grande valia no trato com as diferenças e, se bem conduzido, pode ter papel fundamental na luta contra o racismo.

Assim, é necessário que o processo identitário aconteça já na infância. Nesse sentido, o capítulo intitulado “A criança negra, uma criança e negra”, também composto por três autoras (Anete Abramowics, Fabiana de Oliveira, Tatiane Cosentino Rodrigues) também traz a perspectiva teórico-metodológica de uma pesquisa, pensando-a a partir de duas categorias. Em “a” criança negra, primeira fase, as autoras acreditam haver certa generalização dessas crianças, como se todas passassem pela mesma coisa, enquanto “uma” criança, segunda fase, pode ser tomada de maior singularidade e multiplicidades de contextos. Pois, quando as autoras mencionam “uma”, há de forma intrínseca uma singularidade para cada uma, ou seja, a criança negra deixa de ser vista de forma generalizada e passa a ser observada de maneira única.

Segundo as autoras, a problemática surge quando a pós-modernidade utiliza das diferenças sem levar em conta a questão identitária dos participantes em questão. Elas trazem um estudioso chamado Stuart Hall para teorizar sua pesquisa e ele defende que a cultura negra não é homogênea, e sim, hibridizada, desse modo, elas defendem que cultura e infância estão intrinsecamente ligadas.

As pesquisadoras então buscaram estudos que versam sobre a criança negra, e perceberam uma enorme defasagem quanto ao tema proposto. Existe um apagamento da história dessas crianças e uma não preocupação com a inserção delas no meio escolar. Os livros didáticos, por muitas vezes trazem representações estereotipadas e equivocadas da população negra, o que pode trazer problemas para a formação desses alunos, como a baixa estima e a não identificação, e, por isso, devem ser utilizados de maneira crítica pelos educadores.

Considerar que todos os alunos são iguais é no mínimo problemático, considerando que essas crianças negras não irão se encaixar nesses padrões, sejam eles culturais, estéticos, entre outros, e isso acaba por contribuir com a baixa estima desses alunos, bem como o fato de não haver uma representação significativa de docentes negros ou que se preocupam com a pauta. Nesse contexto, os alunos negros acabam tentando entrar nos padrões e ocorre a ideologia do branqueamento, quando os alunos não conseguem se aceitar devido ao meio em que estão inseridos e então, buscam se aproximar de tudo que é colocado como positivo e padronizado.

Assim, as autoras buscaram, por meio de questionários, trazer a opinião e os relatos de algumas crianças negras, até mesmo para contribuir com os estudos nessa área,

bem como contribuir com a formação de professores, material didático, entre outros. Elas propõem então, que é possível a constituição da criança negra por outro viés, valorizando as suas diferenças, fazendo-os se sentir bem com quem são e se aceitarem com todas as suas peculiaridades, que são sua beleza. Demonstrar que o diferente também é belo, lutando contra a individualidade que está sempre sendo imposta na sociedade.

Sendo assim, a escola tem um papel fundamental, como um local de formação, em tentar romper com esses conceitos arraigados e ter todo o cuidado e reflexão necessários para conseguir lidar com as diferenças de maneira efetiva, fazendo com que os alunos possam ter a autonomia necessária para se sentirem bem consigo mesmo e se constituírem enquanto cidadãos pertencentes da sociedade da maneira mais eficiente possível. Nesse sentido, retoma-se a primeira seção do trabalho, ressaltando a importância de uma abordagem por meio das Metodologias Ativas, onde o discente é colocado no centro das aulas.

A escola enquanto papel fundamental na vida das pessoas também exerce um espaço importante, que é o da socialização. No capítulo denominado “A socialização e a identidade: a escola e o dilema étnico-racial”, de Valter Roberto Silvério e Karina Almeida de Souza, os autores nos convidam a refletir sobre a socialização no mundo atual e alegam que, mesmo com o temor de que a industrialização trouxesse pontos negativos para essa socialização de minorias acontecer, o que vemos no cotidiano comprova essa visão, por não acontecer a fluidez social esperada, principalmente com os grupos considerados minorias. O período pode também, em menor escala, abrir espaço para organizações de luta e para sistematizar discussões, dar força a pautas, etc.

Sobre a socialização, eles trazem que ela começa na infância, geralmente na família, que é a socialização primária. Ela vai ser responsável por criar a personalidade das crianças. Além da família, a escola, os meios de comunicação e a participação na vida comunitária também são agentes formativos. Várias são as visões sobre essas socializações, entre elas destaca-se a teoria durkheimiana, que vai considerar a escola e o aluno em papéis de passividade durante o processo, onde o aluno é induzido a interiorizar regras, aceitar normas etc. Por outro lado, as discussões contemporâneas vão considerar que os alunos são ativos na sua própria formação.

Assim processo de democratização do país marcou bem essa realidade, e assim, começam a surgir movimentos negros, em organização, para reivindicar direitos e fazerem ouvir suas vozes. É onde se iniciam questionamentos, por meio de trabalhos acadêmicos, por exemplo.

De acordo com dados fornecidos pelos autores, a discriminação por cor/raça acontece em grande escala, tanto na escola quando no mercado de trabalho, e tabelas com resultados quantitativos comprovam essa premissa. Os alunos negros tendem, devido a diversos fatores (principalmente o econômico), ficar apenas no ensino fundamental e médio e a evasão desses alunos do ambiente escolar também se faz muito presente na realidade atual. E, considerando que a educação é um fator relevante no mercado de trabalho, ela pode ajudar os que a tem e, ao mesmo tempo, dificultar o acesso a empregos aos que não a tem, o que só continua acentuando as diferenças de classes.

O movimento negro tem reivindicado fortemente a mudança dos currículos escolares, bem como a luta pelo acesso e a permanência no âmbito escolar, para que atendam suas necessidades. Assim como mencionado, a lei que implementa a obrigatoriedade dos trabalhos voltados a cor e raça foi um marco e uma conquista desse movimento, mas ainda há muito o que se discutir em relação a educação racial no país. Portanto, a socialização racial precisa estar em pauta no processo educacional. Sem perder a raiz- Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.

O cabelo enquanto representação social e cultural de pessoas negras deve ser levando em consideração. É preciso pensar em todas as nuances, que levaram por muito tempo essas pessoas a um lugar de apagamento, onde elas eram condicionadas pela sociedade a alisarem seus cabelos. A partir disso, Lino (2006) tece considerações sobre a representação do cabelo, bem como entender a importância de salões de beleza que são especializados, que vai muito além apenas da técnica do corte. A autora entende o “cabelo crespo na sociedade com uma linguagem e, como tal, comunica e informa sobre as relações raciais. Dessa forma, ele também pode ser entendido como um signo, uma vez que representa algo mais, algo distinto de si mesmo”. (LINO, 2006, p.?)

A autora considera que “os salões étnicos são espaços corpóreos, estéticos e identitários e, por isso ajudam-nos a refletir um pouco mais sobre a complexidade e os conflitos da identidade negra. Nos salões o cabelo crespo, visto socialmente como o estigma da vergonha, é transformado em símbolo de orgulho”. (LINO,2006, p.?). Esses salões, que antes eram escondidos e também não se denominavam étnicos, aos poucos vão tomando seus espaços dentro das cidades, apesar de ainda em menor quantidade. Eles também compõem importante espaço de discussão política e até mesmo ideológicas.

As relações estéticas com projetos políticos estão totalmente relacionadas. A autora entende o importante papel social feito pelos salões e, além de serem espaços comerciais, eles estão, enquanto se denominam étnicos, desenvolvendo funções para além

da simples prestação de serviços à comunidade. Os cabelereiros que compõem esses salões por muitas vezes estão envolvidos em projetos e ações sociais onde vivem, geralmente no tempo livre e nos finais de semana. O serviço também é um tanto quanto degradante e cansativo, visto que as condições de trabalho nem sempre são das melhores, a flexibilidade de horário, ficar em pé por muitas horas, os usos de produtos químicos, entre outros, fazem com que o trabalho seja cansativo.

Além disso, trabalhar com a autoestima e a afirmação dos clientes também se faz uma tarefa complicada. No livro, a pesquisadora encontra diversos salões étnicos na cidade de Belo Horizonte- MG, e relata sua experiência com eles, bem como traz diversos relatos de pessoas que trabalham no meio. O primeiro salão relatado, que foi o de Betina, demonstra muita coisa sobre a comunidade e sobre o que os salões representam na vida das pessoas radicalizadas.

A junção do relato com a exposição de diversos trabalhos realizados para a comunidade negra, como exposições, desfiles, festas, entre outros, demonstram a importância desses espaços para a construção da identidade visual e da beleza negra. Sendo essa beleza colocada e (re)significada, ocupando espaços que antes não as pertenciam e as múltiplas interpretações e colocações que um salão de beleza pode ter, já que muitas vezes essa influência significativa passa despercebida. Essa desvalorização cultural vai de encontro com os contextos existentes em sala de aula, pois não basta simplesmente mencionar a existência dessas culturas, mas sim ressaltar a identidade das mesmas.

O segundo salão, denominado salão “Preto e Branco” demonstra uma posição em relação às questões raciais um pouco inferiores se comparado ao primeiro, mas é possível notar que a questão ainda existe e ainda é muito abordada pelos donos do salão, bem como pela comunidade que frequenta o local. Nesse sentido, o salão é reconhecido pela sua referência e eficiência em cortes afro, com as técnicas de desenho e letras, que valorizam os cabelos e os diferenciam dos demais. Os donos do salão, por mais que as vezes prefiram não focar nas questões raciais, são membros atuantes da comunidade e cumprem papel importante na sociedade em que se inserem.

Já o terceiro salão, que se denomina “Dora cabelereiros”, assim como o primeiro, é também comandado por uma mulher, que é conhecido como “chefe e mãe”. Nesse sentido, Dora é uma mulher muito batalhadora que iniciou cedo seu trabalho e que, apesar de poder ser considerada “mestiça” por ter “a pele mais clara”, segundo relatos da autora,

ela sente muito orgulho de ser negra e relata que teve sua autoestima muito bem trabalhada por seus familiares, e, portanto, não considera como uma coisa ruim.

A filha de Dora, Flávia, que trabalhou com sua mãe no salão e, posteriormente, abriu o seu próprio salão. Flávia levanta uma questão muito pertinente ao dizer que não rotula o seu salão enquanto afro ou étnico. Ela diz que essas denominações podem ser prejudiciais, principalmente enquanto posição no mercado de trabalho. É certo que em um país capitalista e racista, essas denominações realmente podem ser prejudiciais e se, considerarmos o lucro, elas podem realmente fazer com que esses salões sejam menos populares ou menos procurados por toda a população de uma maneira geral.

Ela levanta que o brasileiro não está preparado para receber esse tipo de denominação, principalmente por se tratar de um país racista. Ela chega a uma conclusão, após algum tempo de conflitos internos, e denomina sua prática enquanto salão afro-brasileiro. Para ela, a denominação engloba mais o que o seu trabalho oferece, já que ela se especializa em outros locais, as vezes fora do Brasil, e volta para colocá-los em prática. Segundo ela, em todo esse processo, existe um “toque de brasilidade” e, por isso a consideração. Dora considera o seu salão enquanto étnico, e acredita que isso não interfere em seus negócios, apesar de dizer que inicialmente esses salões forem muito estigmatizados, e até mesmo considerados como racistas. Ela também exerce seu tom empresarial e busca sempre aperfeiçoar o salão, trazendo novidades e até mesmo tecnologias.

Nesse sentido, a autora traça diversos panoramas de diferentes salões através de sua pesquisa de campo, que levam a considerações e a conclusões plausíveis, percebendo diretamente o racismo estrutural presente na sociedade contemporânea, além de conseguir entender muitos desses processos na prática diária dos donos e dos frequentadores dos salões analisados.

Em síntese, ao trazer para essas seções do trabalho uma ampla discussão com exemplos reais de como a cultura Afro-Brasileira ainda tem que ser (re)significada e valorizada é possível situar docentes e futuros docentes que essa cultura deve estar presente nas aulas desde os iniciais do ensino fundamental. Pois, é nessa fase que o sujeito irá construir sua identidade, seja a própria valorização individual ou o respeito pelas características e cultura do outro. Mas, como essa cultura é abordada em sala de aula?

Para buscar refletir sobre a questão supracitada, na próxima seção serão analisados dois livros infantis, sendo “Meu crespo é de rainha” traduzido por Nina Rizzi e ilustrado

por Chris Raschka e “Menina bonita do laço de fita” escrito por Ana Maria Machado e ilustrado por Claudius.

### **3. Metodologia**

A metodologia utilizada nesse trabalho é qualitativa, em virtude que o objetivo geral da presente pesquisa é analisar como a temática da representatividade negra é abordada em livros de literatura infantil. A pesquisa realizou-se por meio de análises bibliográficas com base em autores que tratam da temática da literatura infantil, o negro da literatura, entre outros. Para isso foram usados teóricos como Almeida (2019), Michaliszyn (2014), Viana (2009), entre outros.

A escolha das obras infantis a serem analisadas nesta pesquisa se deu a partir da temática. Dessa forma, foram escolhidos 2 livros infantis que retratam personagens negros. Uma análise das obras “Meu crespo é de rainha” traduzida por Nina Rizzi e ilustrada por Chris Raschka e “Menina bonita do laço de fita” escrita por Ana Maria Machado e ilustrada por Claudius. As análises buscam destacar e refletir sobre como esses dois livros trabalham as questões étnico-raciais por meio de ilustrações e diálogos entre seus personagens, visando ressaltar como diversas questões ligadas a características físicas e culturais de seus personagens são trabalhadas de forma lúdica e educativa nas obras.

## **4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

### **4.1 Análise das relações étnico-raciais a partir do livro “Meu crespo é de rainha”**

A busca por uma educação mais inclusiva e menos distante dos reais problemas enfrentados em nossa sociedade é uma questão de destaque no âmbito social e educativo há alguns anos, como menciona os autores supracitados. Todavia, uma das dificuldades enfrentadas pelos docentes em sala de aula é como introduzir tais temáticas de forma respeitosa e consciente, pois alguns discentes poderão ter um lugar de fala e outros não, devido a fatores sociais e de raça. Sendo assim, ressalta-se a importância de colocar os discentes em uma posição central nas aulas que abarcam essa temática, sujeitos negros devem ter um lugar e um momento de fala durante a introdução do assunto, e devem ser ouvidos pelos colegas que não ocupam tais lugares de fala.

Nesse viés, discussões e reflexões em aula como a mencionada anteriormente se tornam possíveis por meio de vários recursos como palestras, filmes, livros, entre outros. Mas, essas aulas serão mais destinadas ao público jovem e adultos, devido à maturidade e ao nível de ensino que os mesmos se encontram, emergindo assim a seguinte questão “como trabalhar as questões étnico-raciais na educação infantil?”.

Na análise do livro “Meu crespo é de rainha” e também na segunda análise que será apresentada posteriormente será possível visualizar por meio dos livros como tais temas podem ser explanados e discutidos em sala de aula com crianças, sem que haja incoerência com a faixa etária e fuga da ludicidade. A tradutora Nina Rizzi juntamente com as ilustrações de Chris Raschka inicia o livro ressaltando características que devido ao preconceito existente em sociedade geralmente não são associadas a cabelos crespos como “lindo” e de “cheiro doce”. Assim, a obra já é iniciada com uma valorização dos cabelos pertencentes a meninas negras de forma lúdica e sutil, trazendo também uma ilustração com cores e destaque ao cabelo de uma personagem negra que transmite a sensação de paz e aceitação em seu semblante.

Somam-se a isto, as duas próximas páginas que usam adjetivos como “macio como algodão”, “pétala de flor ondulada e fofa” e por meio de texto verbal e imagem colocam “cheio de chamego e de aconchego”, podemos aludir por meio dessas páginas que há referência não só pelo cabelo, mas também a personalidade dos personagens. O cabelo é destaque em todo o livro, sendo mencionado que nele podem ser usadas “tiaras” ou “coroas”, assim como diversos penteados que são representados por meio de ilustrações. Por meio destes, é possível destacar que não são somente os cabelos lisos que são bonitos e podem ser usados de diversas formas, mas sim todos os tipos de cabelo, em destaque o cabelo cacheados e crespos, que possivelmente vai de encontro com a identidade de alguma criança em sala de aula.

Nas páginas seguintes a autora destaca também o início da rotina diária da personagem do livro, onde ela e sua mãe, arrumam seu cabelo com a possibilidade de “brincar” com diversos penteados, destacando como o cabelo da menina negra é bonito e representa parte importante de sua identidade. Nas expressões “pixaim sim” e “gosto dele bem assim!” a enorme destaque para aceitação do cabelo, valorizando o mesmo como parte de uma cultura. Assim, o livro é encerrado com frases de afirmação como “Feliz com o meu crespo!” “Meu crespo é de rainha!” e “Menininha você é uma gracinha!”.

Por meio do livro é possível que o professor trabalhe inúmeras questões, até mesmo só a leitura do livro tende a contribuir para que as meninas negras se sintam

representadas em sala de aula, pois a maioria das princesas tem cabelos longos, lisos e loiros, o que representa o preconceito enraizado na sociedade desde os tempos arcaicos. Assim, é dever do educador trabalhar em sala de aula com as diversidades e com a valorização das culturas, para que seja possível que os sujeitos se tornem adultos mais conscientes e informados.

#### **4.2 Análise das relações étnico-raciais a partir do livro “Menina bonita do laço de fita”**

Em sua obra Ana Maria Machado, relata a história de uma menina bonita e suas aventuras, suas características fenotípicas, sociais e comportamentais, a partir do relato de sua relação com sua mãe e o coelho, que participam posteriormente da história. Já no início da obra, percebemos que a autora pontua um dos aspectos étnicos raciais debatidos pela população negra, suas características morfológicas importantes, entre elas podemos destacar, cor do cabelo, sua forma, a cor dos olhos e a forma do seu cabelo, do seu corpo e do seu nariz.

No título da obra, a autora aborda uma forma de ver a menina negra, realçando sua beleza, quando enfatiza no título esta beleza a partir do adjetivo “bonita”. Na primeira página, após o título, percebe-se também traços característicos do tipo de menina que a autora quer representar, sendo esta as meninas negras, com foco ilustrativo em seus cabelos crespos, seus lábios carnudos e nariz largo, acentuando também, a paixão expressa por ela, pela leitura que podemos fazer do coelho, que ao olhar para a menina, se comporta com admiração, e apaixonado, pois vemos ao redor dos mesmos desenhos de coração.

Nas ilustrações ao decorrer da obra, percebe-se a reafirmação das características desta população, e sua representação em cada uma das ilustrações que segue no percurso do livro, a partir da utilização e apresentação de seus traços fenotípicos e sua identidade cultural, como forma de as crianças se perceberem como participantes desse grupo, e se sentirem representadas na história.

E não apenas neste quesito, durante a primeira estrofe do livro, Machado aborda as características dos olhos, do cabelo, da pele, fazendo comparações respectivamente com as azeitonas pretas, com os fiapos das noites e por fim, com os pelos das panteras negras. Este posteriormente, ao expressar a beleza da menina na primeira frase, onde ela discorre: “Era uma vez uma menina linda, linda”.

Também vemos o debate sobre a raça da menina, como também de sua mãe, a partir da introdução dessa personagem no texto, ao abordar e ressaltar a cor da pele de ambas na ilustração, a forma do corpo, e a cor e forma do cabelo, bem como a forma de seu rosto, além de pontuar neste momento sua ancestralidade, quando remete as princesas da África. Esta trata-se da temática da etnia, neste momento.

Porém, quando analisamos a temática da raça, mesmo que segundo a biologia o DNA entre as diversas pessoas com características físicas diferentes, possuímos todos uma variedade insignificante, quando consideradas estas. Mas, sua compreensão aborda não apenas o DNA, mas também a desigualdade social, a discriminação e o racismo, visto que as meninas pretas em nossa realidade são vinculadas a pobreza econômica, a discriminação racial, e ao racismo estrutural, o que não é debatido de forma direta no texto e nas ilustrações, mas acaba vinculado intrinsecamente, á análise da realidade desta população brasileira.

Percebemos este debate da raça no livro, ao ser abordado é introduzido de forma mais direta o coelho, que ao conhecer e conversar com a menina tenta ser parecido com ela, adentrando uma lata de tinta, para conseguir ser preto como ela. Neste momento debate-se focando na etnia da menina, como também quando este toma café e come jabuticaba, para ficar da mesma cor da menina.

E percebe-se aí no final, que o coelho percebe que essa sua característica morfológica, no caso a cor são diferentes da menina, porém não se adentrar nesse momento o debate tão vinculado na nossa sociedade, que são as desigualdades sociais e econômicas advindas da realidade social na qual as pessoas tanto negras quanto as brancas estão inseridas. Mas isto não quer dizer que ao utilizar este livro em sua prática pedagógica o educador não possa fazê-lo.

Tal obra pode ainda ser caracterizada como uma forma de abordar no contexto educacional, a partir da interdisciplinaridade, a contextualização desta temática, buscando promover uma educação antirracista, com a valorização da cultura negra, a efetivação da sua história e da cultura africana e afro-brasileira, contribuindo também, para o enfrentamento das desigualdades sociais (PIVA, 2020).

Durante a análises dos textos, foi possível perceber que a literatura infantil já passa a abordar a representatividade negra como sendo uma pessoa bela, no entanto, ainda retratando alguns estereótipos, como em *Menina Bonita do Laço de Fita*, 1986 ao abordar a miscigenação, onde a avó da menina era “arteira” por “misturar-se” com um homem

branco, mas o coelho branco, ao namorar e casar com uma coelha preta, estava agindo conforme os preceitos morais da época.

Já na análise feita do livro “Meu crespo é de Rainha “1999 de literatura infantil do século XXI, foi possível perceber que a menina/mulher negra é abordada valorizando sua etnia, suas raízes africanas, é possível verificar que as personagens valorizam as suas raízes africanas, e sempre existe a presença da mãe, da avó, ou seja, da mulher negra como protagonista, valorizando a sua beleza.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O negro, historicamente, passou por diversas lutas, sendo que a abolição em 1888 foi um grande marco histórico na sua libertação. No entanto, como a própria história revela, a escravidão deixa resquícios até os dias de hoje. O negro e a negra, até o século XX, vistos como pessoas inferiores, burras, ignorantes, e até mesmo comparados a animais, não tiveram na literatura papel de destaque.

Os livros literários deixavam para este povo, personagens dotados de ignorância, que não sabiam ler, e eram considerados como brinquedos e companhia para as crianças brancas.

Durante a pesquisa foi possível observar que, assim como a história, a literatura passou por modificações, deixando de retratar o negro como personagem secundário, passando a tratá-lo por quem ele é, valorizando sua cultura e seus traços físicos. A mulher negra, retratada outrora como burra, beijuda, arteira, entre outros, passou a ser valorizada pela sua cultura, como uma pessoa dotada de conhecimento ancestral, admirada por todos de sua família.

Nesse contexto, a presente pesquisa cumpriu com seu objetivo, demonstrando que, mesmo ainda tendo que buscar seu lugar de destaque na literatura, as personagens negras evoluíram, passando a valorizar seus traços e cultura, em detrimento aos conceitos pejorativos do início do século XX.

## **Referências**

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

COLINS GOMES, Cleidiane; LINO VIDEIRA, Piedade. Limitações da política educacional antirracista implementada pela Divisão Étnico-Racial da Secretaria Municipal de Educação de Macapá-AP. **Revista Práxis Educativa**, v. 17, 2022.

GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo Ednilson de. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. **Educar em Revista**, p. 19-33, 2013.

Machado, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Ática, 2004.

ROSENBERG, Morris; PEARLIN, Leonard I. Social class and self-esteem among children and adults. **American Journal of sociology**, v. 84, n. 1, p. 53-77, 1978.

SANTOS, Anderson Oramisio. Formação de professores à luz da história e cultura afro-brasileira e africana: novos desafios para uma prática reflexiva. **Póiesis Pedagógica**, v. 11, n. 2, p. 151-170, 2013.

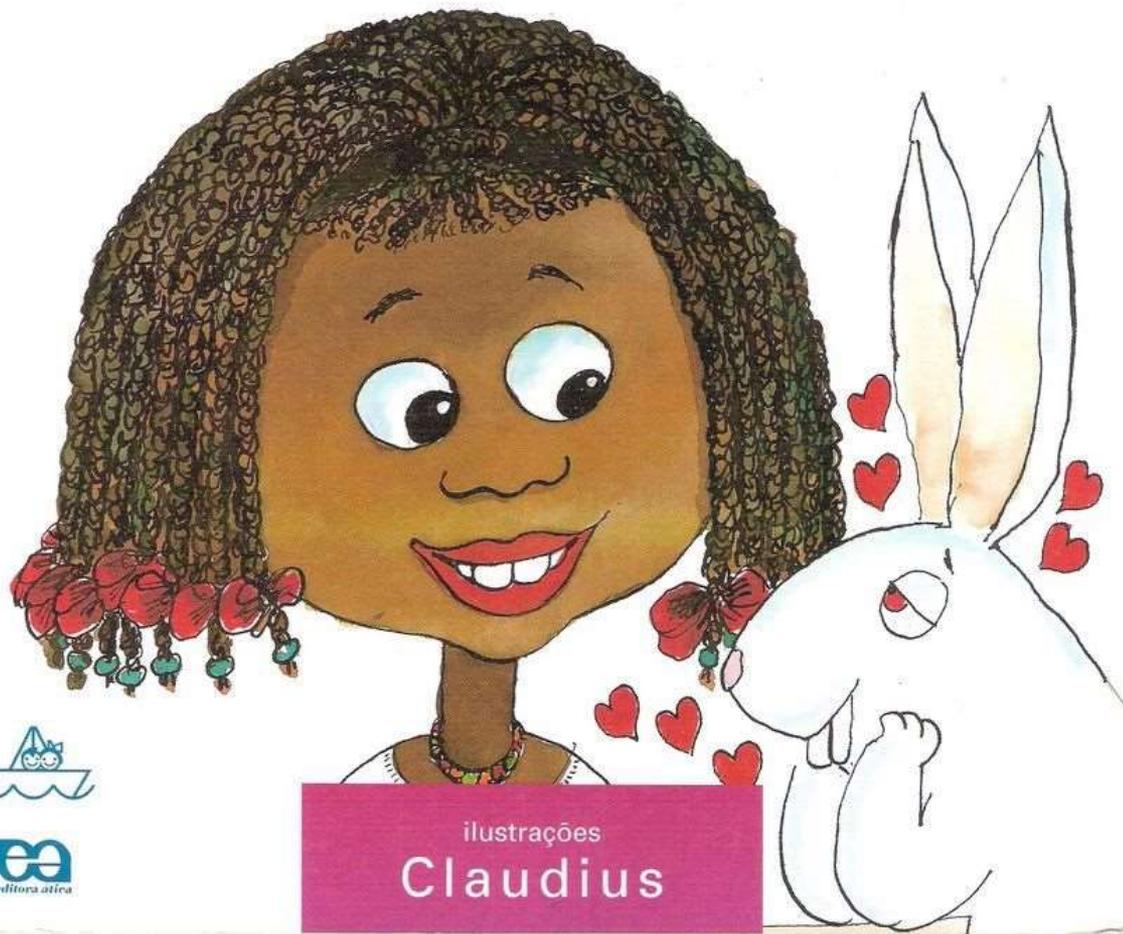
VIANA, Nildo. Capitalismo e racismo. **Capitalismo e questão racial**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Corifeu, p. 24, 2009.

ZIRALDO, Mattar; SAMI, Medina; APOENA HORTA, G. O menino mais bonito do mundo. **(No Title)**, 2002.

MICHALISZYN, Mario Sergio. **Relações étnico-raciais para o ensino da identidade e da diversidade cultural brasileira**. Editora InterSaberes, 2014.

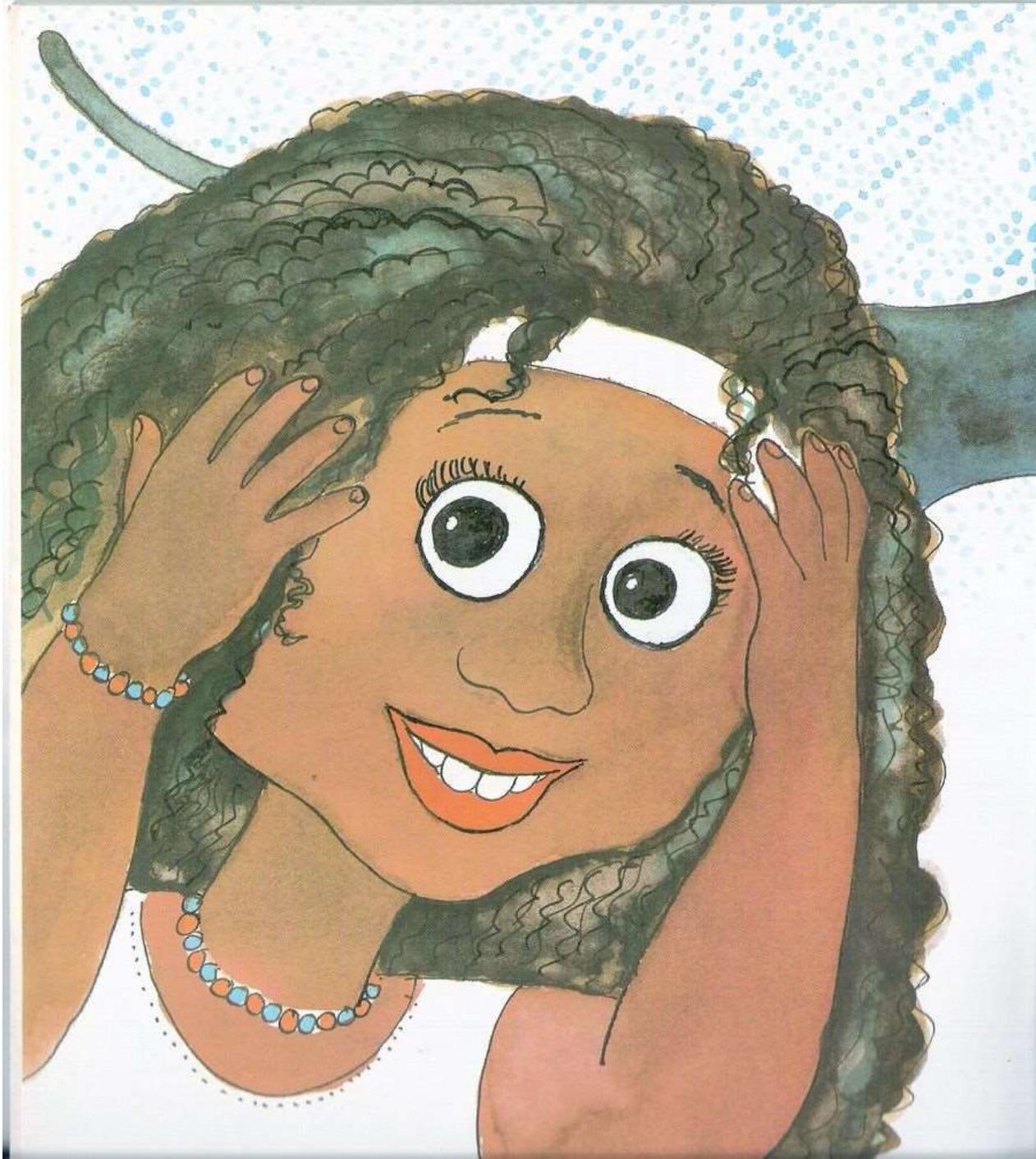
Ana Maria  
Machado

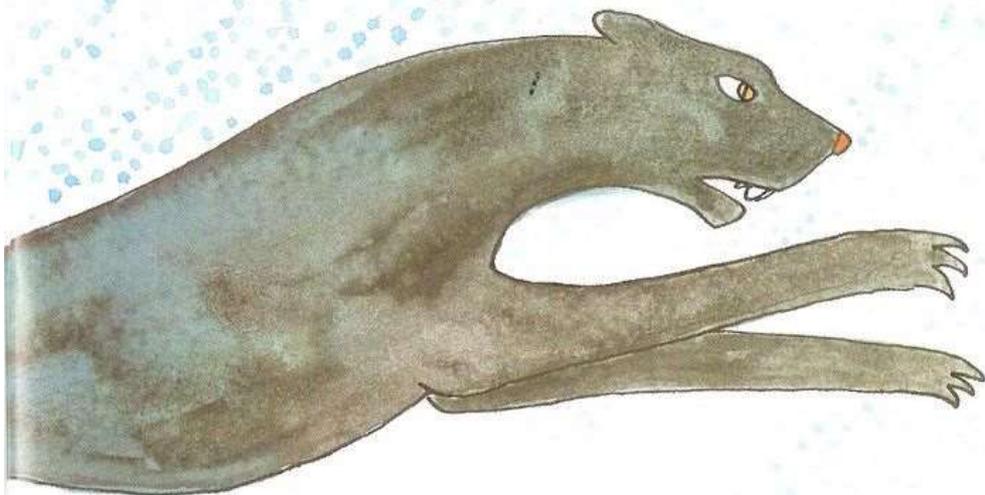
# Menina bonita do laço de fita



ea  
editora atica

ilustrações  
Claudius

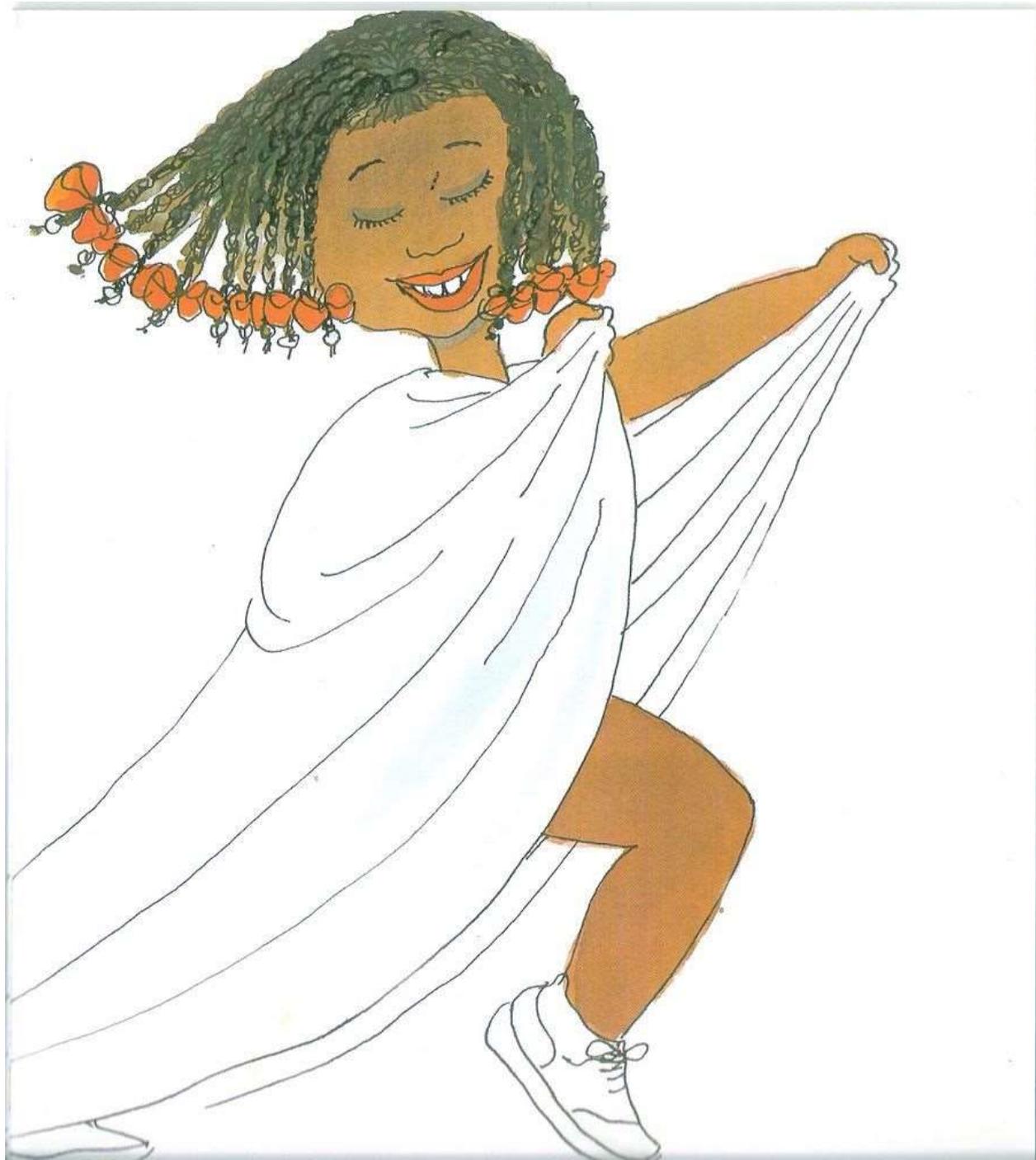




Era uma vez uma menina linda, linda.  
Os olhos dela pareciam duas azeitonas  
pretas, daquelas bem brilhantes.  
Os cabelos eram enroladinhos e bem  
negros, feito fiapos da noite. A pele era  
escura e lustrosa, que nem o pêlo da  
pantera negra quando pula na chuva.



Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.



Do lado da casa dela morava um coelho branco, de orelha cor-de-rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida. E pensava: — Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...



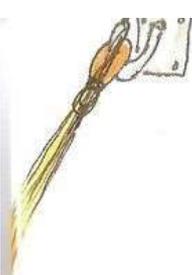
Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:

— Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

— Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...





O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou banho nela. Ficou bem negro, todo contente. Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez.



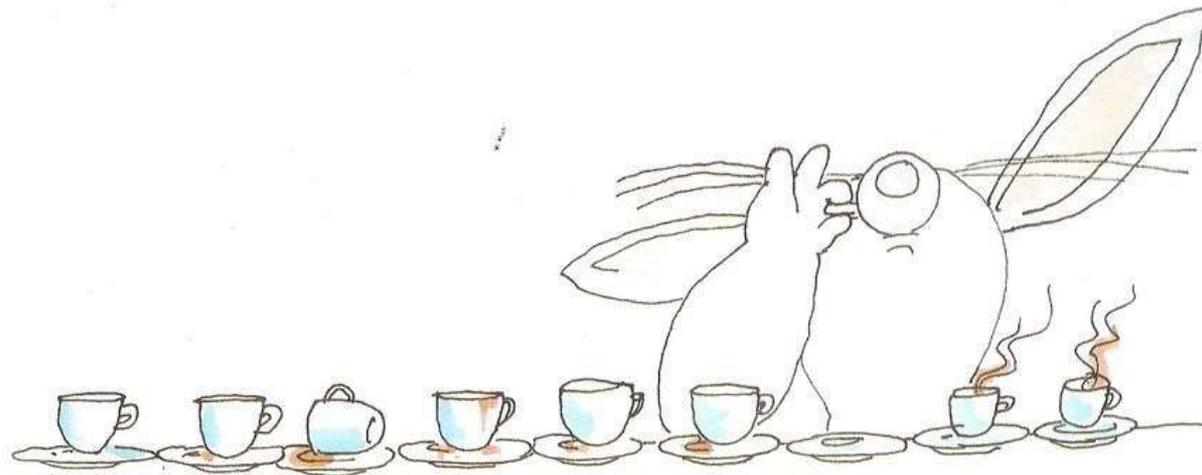
Então ele voltou lá na casa da menina  
e perguntou outra vez:

— Menina bonita do laço de fita, qual é  
teu segredo pra ser tão pretinha?

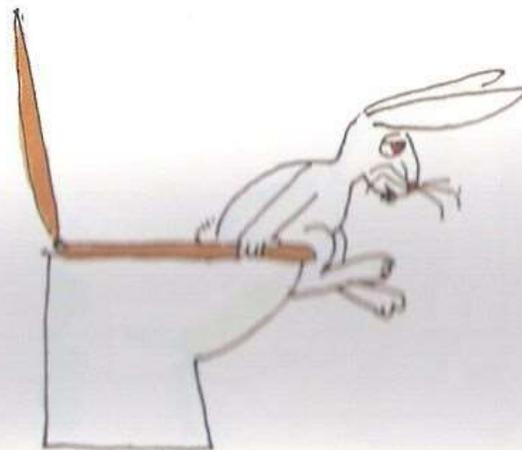


A menina não sabia, mas inventou:

— Ah, deve ser porque eu tomei muito  
café quando era pequenina.

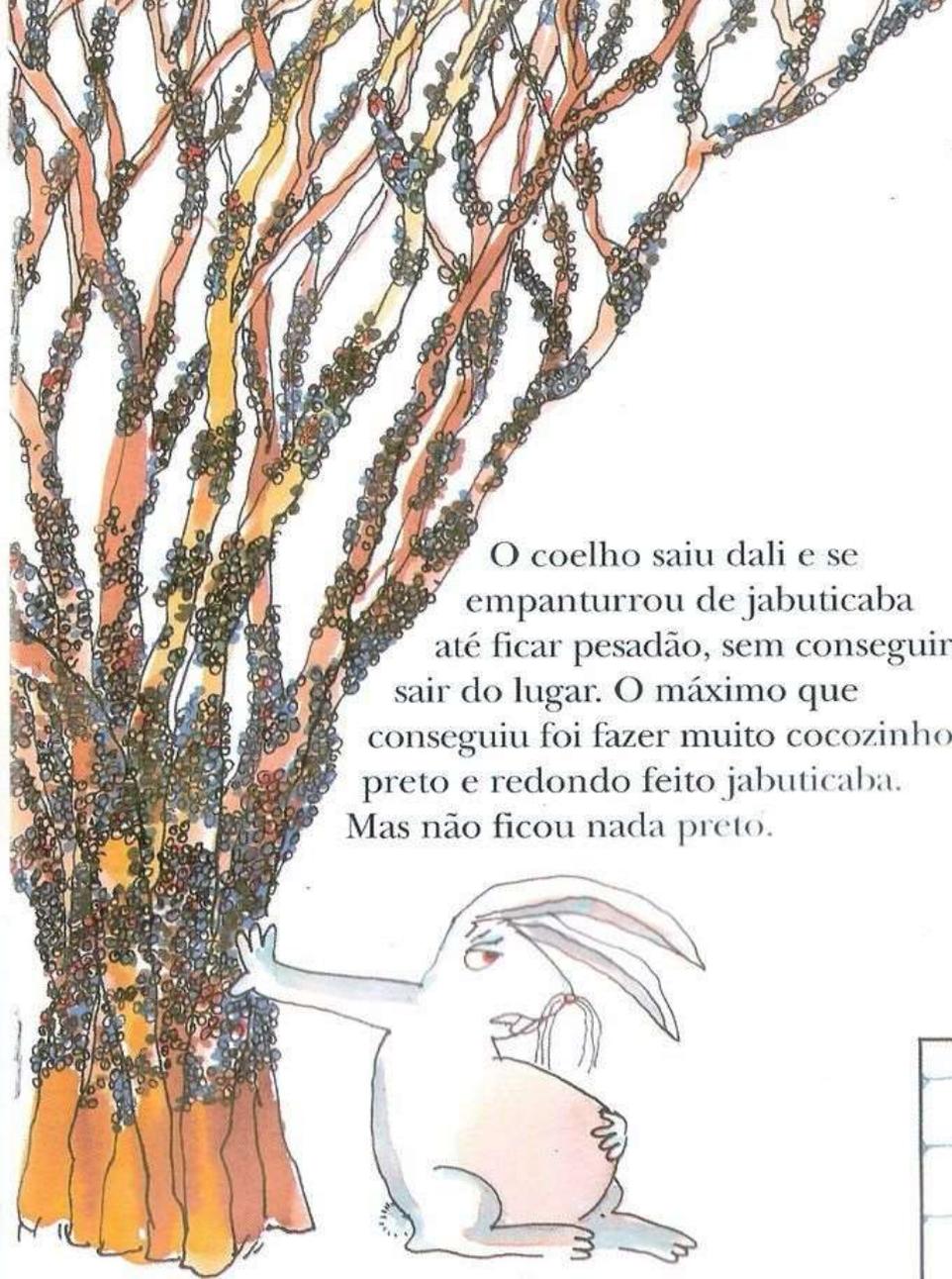


O coelho saiu dali e tomou tanto café  
que perdeu o sono e passou a noite  
toda fazendo xixi. Mas não ficou nada  
preto.

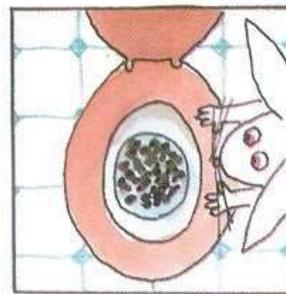


Então ele voltou lá na casa da  
menina e perguntou outra vez:  
— Menina bonita do laço de  
fita, qual é teu segredo pra ser tão  
pretinha?  
A menina não sabia, mas inventou:  
— Ah, deve ser porque eu comi muita  
jabuticaba quando era pequenina.



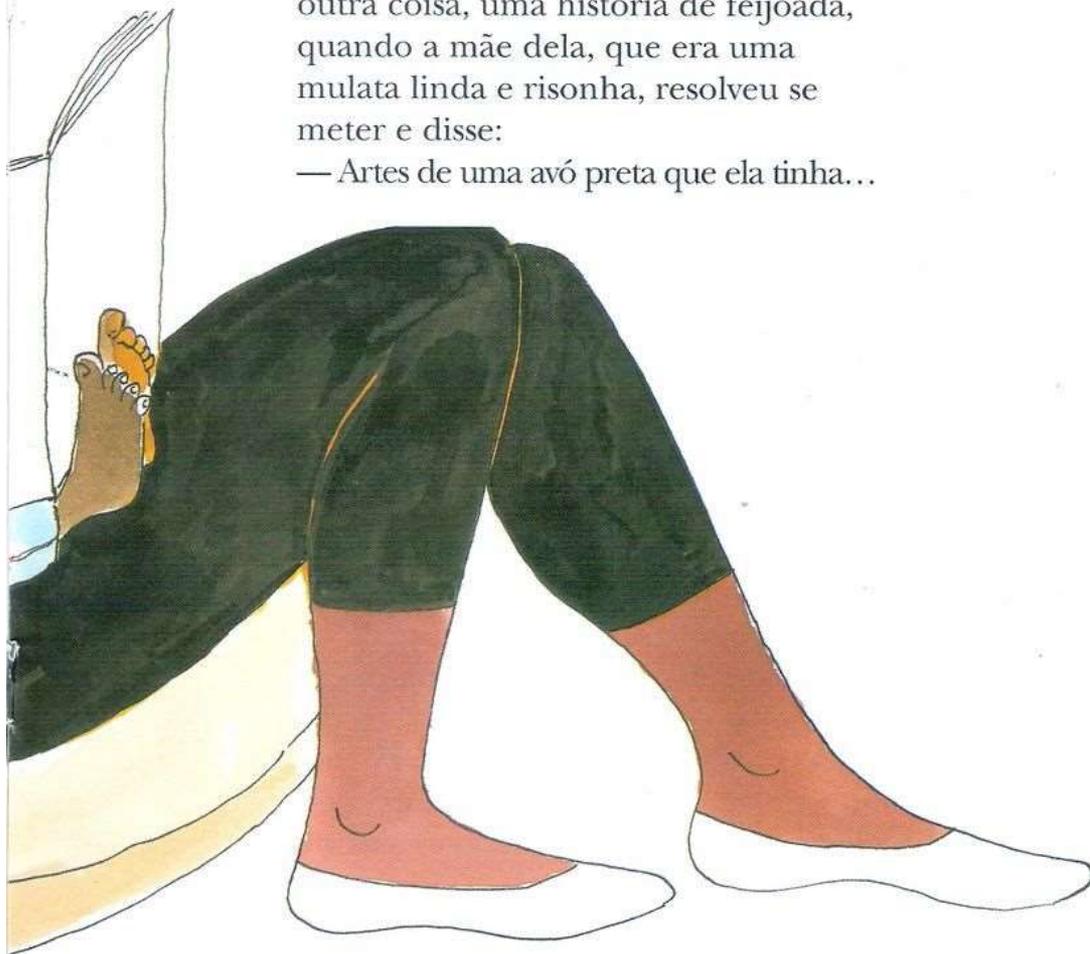


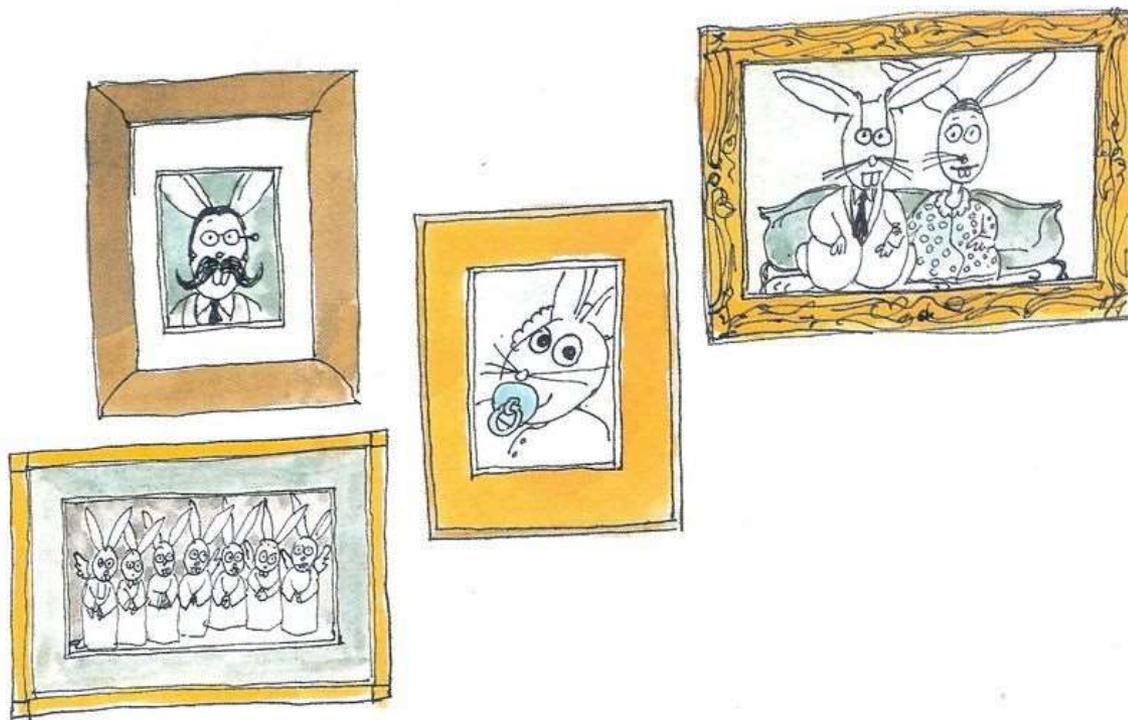
O coelho saiu dali e se empanturrou de jaboticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jaboticaba. Mas não ficou nada preto.



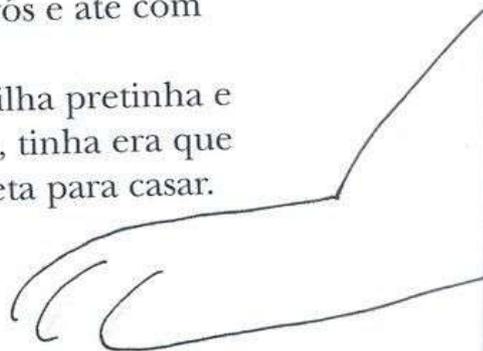


Por isso, daí a alguns dias ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:  
— Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?  
A menina não sabia e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:  
— Artes de uma avó preta que ela tinha...





Aí o coelho — que era bobinho, mas nem tanto — viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos. E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar.



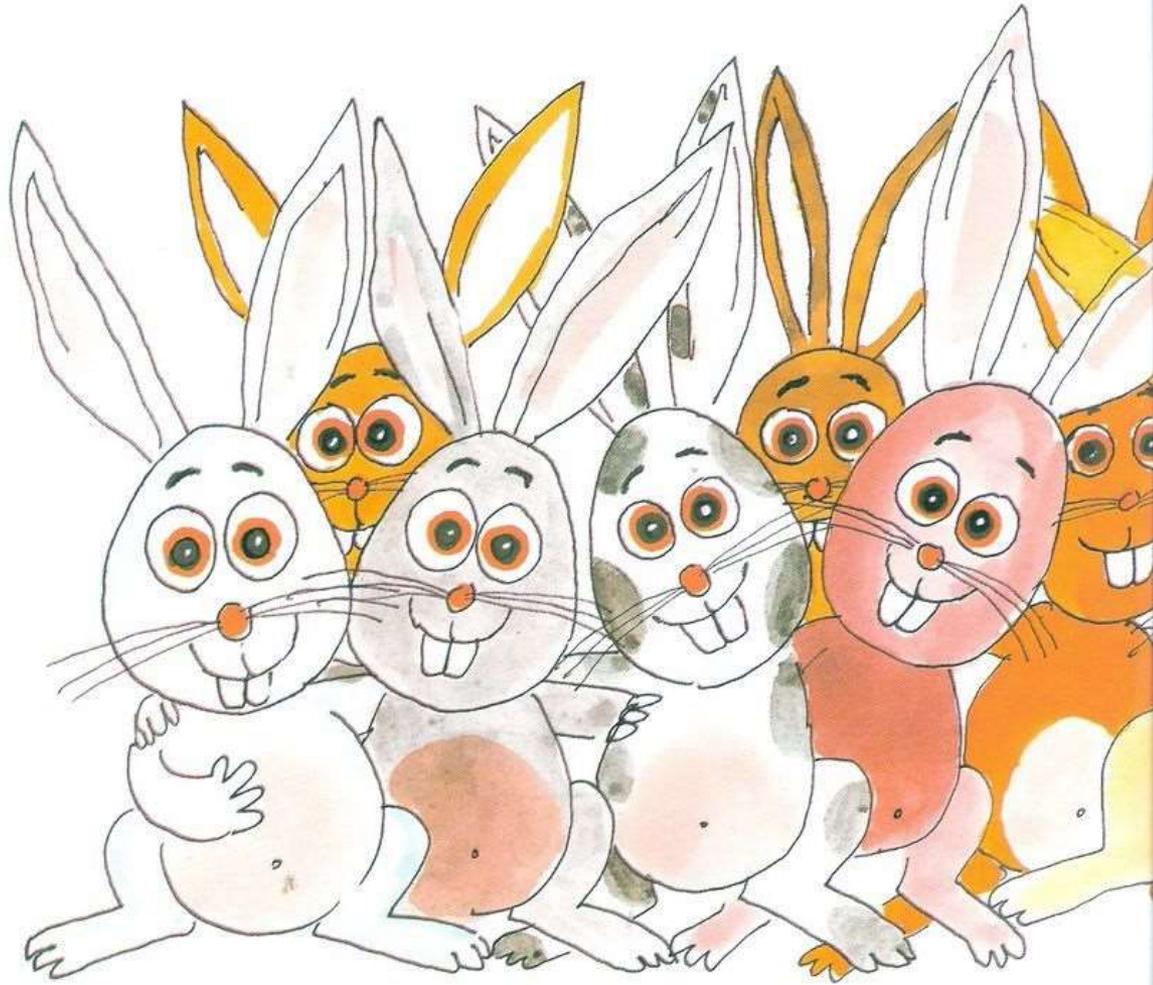


Não precisou procurar muito.  
Logo encontrou uma coelhinha escura  
como a noite, que achava aquele  
coelho branco uma graça.

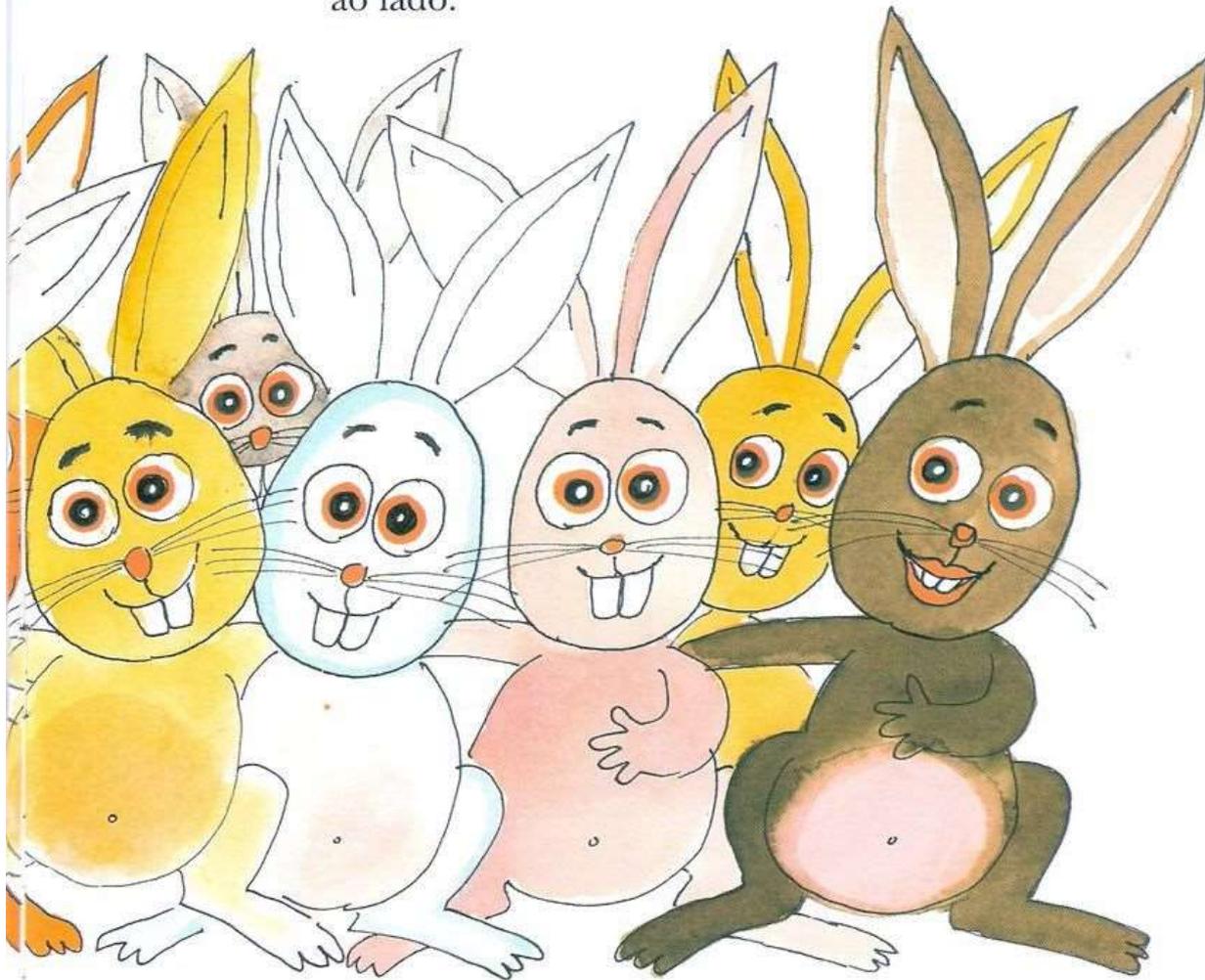




Foram namorando, casando e tiveram  
uma ninhada de filhotes, que coelho  
quando desanda a ter filhote não pára  
mais.



Tinha coelho pra todo gosto: branco  
bem branco, branco meio cinza,  
branco malhado de preto, preto  
malhado de branco e até uma coelha  
bem pretinha. Já se sabe, afilhada da  
tal menina bonita que morava na casa  
ao lado.



E quando a coelhinha saía, de laço  
colorido no pescoço, sempre  
encontrava alguém que perguntava:  
— Coelha bonita do laço de fita, qual é  
teu segredo pra ser tão pretinha?  
E ela respondia:  
— Conselhos da mãe da minha  
madrinha...





